

RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ECONOMIA SOLIDARIA

Coordenador: CARLOS SCHMIDT

Autor: KELLEN CRISTINE PASQUALETO

Introdução: A partir da década de 90 surgem com maior intensidade os empreendimentos de economia popular solidária que além de ser uma alternativa ao desemprego, transcende aos ganhos financeiros voltando-se para o bem-estar do trabalhador. O Núcleo de Economia Alternativa-NEA/UFRGS vem acompanhando a rede de confecção composta por oito empreendimentos de economia solidária (ecosol), a maioria dos trabalhadores(as) que compõem a rede são mulheres. Problema: De que maneira a participação dessas mulheres nos empreendimentos de economia solidária as reposicionam na questão de gênero? Repensar sobre as responsabilidades que recaem sobre a mulher por ela ser polivalente. A conquista de espaço através da ecosol pára na porta da casa da família onde a mulher permanece com os encargos da reprodução do núcleo familiar exigindo dela uma dupla jornada de trabalho. Objetivo: Analisar em diferentes aspectos as mudanças que ocorreram nas vidas dessas mulheres após terem se inserido num empreendimento de ecosol. Metodologia: Pesquisa-ação/história de vida envolvendo os cooperativados; Entrevista aberta e direcionadas através de questionários ; Observação empírica sobre a satisfação das pessoas em participar de um empreendimento a partir de uma lógica de participação coletiva permeada pela autogestão. Resultado Embora essas mulheres tenham conseguido criar um ambiente mais solidário, um espaço melhor de trabalho isso não impede, na sociedade em que vivemos, a imposição de outras tarefas, fazendo com que elas tenham que reservar tempo para a reprodução e manutenção dos valores da família. Inclusive os dados empíricos mostram que para se engajar numa atividade remunerada elas se organizaram de forma a não adicionar uma carga extra de trabalho com filhos de pouca idade, fizeram uma espécie de autogestão do seu planejamento familiar. Conclusões Para as mulheres cooperadas fazer parte de um empreendimento significa pertencer a um espaço que elas administram , ganham poder político e conseqüentemente buscam sua emancipação. Encontram na economia solidária sentido ao seu trabalho, reconhecimento e autonomia através de relações horizontalizadas não se sentindo exploradas por um patrão. Essa relação dialética estabelecida entre os empreendimentos e as entidades de apoio como o NEA, possibilitam o afloramento de uma subjetividade autêntica, provocando reflexões entre o trabalho subordinado e o trabalho autogerido.